

**COLUNA**

## **TRAVESTI PRETA NÃO É BAGUNÇA**

**Leandro Rodrigues Nascimento da Silva**

### **A MPB preta e transexual abnega o violão e nos traz o atabaque dos orixás**



Cantora Majur. Foto: Divulgação.

Majur dos Santos da Conceição, ou apenas Majur, é uma mulher transexual preta, compositora, baiana e dona de uma voz única. A primeira vez que vi Majur, ela estava no programa Altas Horas, na TV Globo, vestida ousadamente com recortes sinuosos, coxas de fora, abdômen exposto e a estampa do tecido que lhe vestia era toda camuflada em tons de verde-escuro como as roupas dos soldados do Exército brasileiro. Ao lado de Emicida, a cantora, que trazia na

cabeça búzios presos às tranças, fazia da música de Belchior (Sujeito de sorte) um verdadeiro mantra de luta para as travestis e transexuais pretas. A música de Belchior, relida e enxertada no meio pelas ferozes e conscientes rimas de Emicida, dizia, lá pelas tantas, que queria falar, não falar das cicatrizes, que sem dúvida são coadjuvantes de todos nós, mas falar dos melhores figurantes da vida, que é cada pessoa que entoa a canção. Na versão original, dizia Belchior que, presentemente, se considerava uma pessoa de sorte por estar vivo. Aliás, por ter morrido no ano passado, mas não no ano presente.

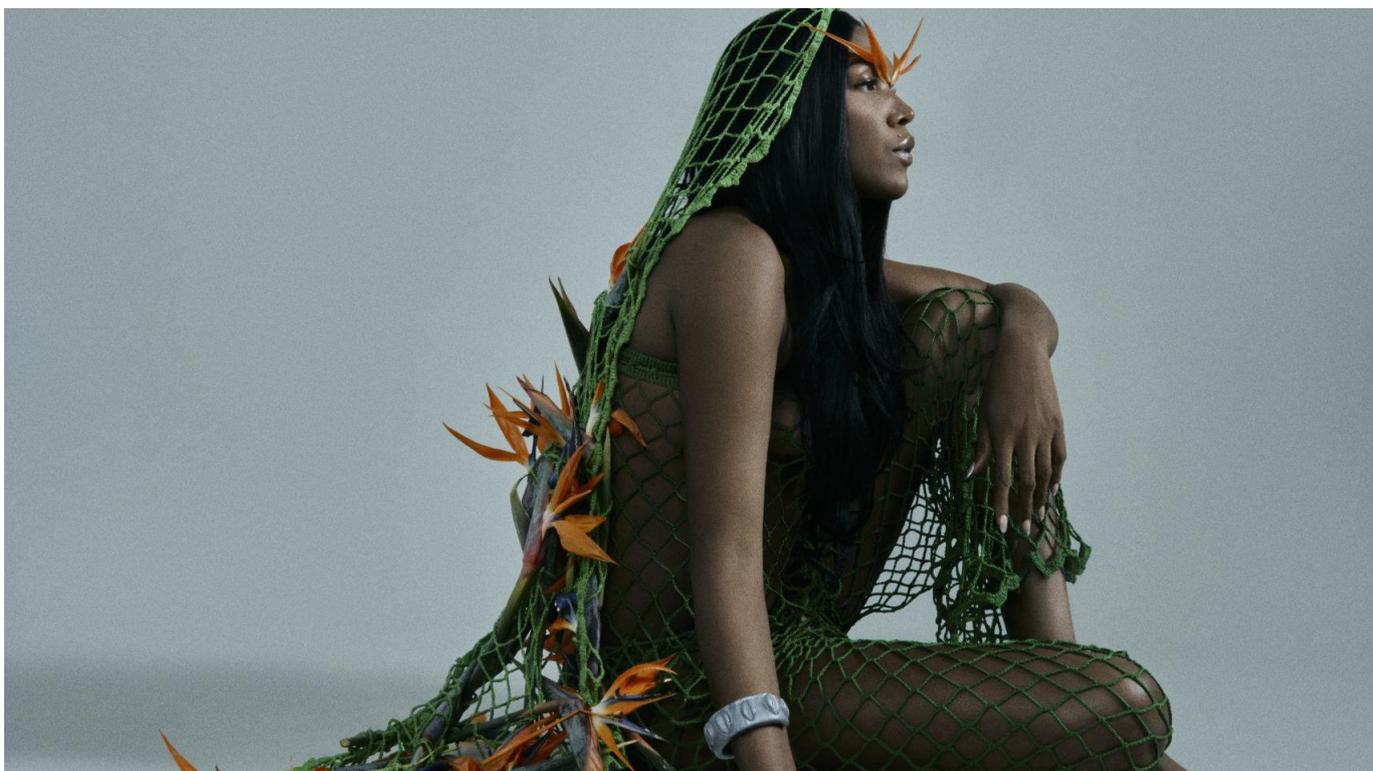


Foto: Divulgação / Créditos: Guilherme Nabhan (@guilhermenabhan)

Morrer todos nós morremos quando não sabemos lutar. Quando se aprende, aí deixamos de morrer, para somente lembrar as mortes próprias dos anos, meses, dias passados. Não morrer segue uma dedução lógica de estar vivo. Se estou vivo, o que me faz pleno em vida? O que me cerca? O que utilizo? O que comunico? O que canto? O que como? O que adoro? O quê? Tudo isso e muito mais. Majur, transexual preta, viva, vive em plenitude gozando e esbanjando sua cultura afro-brasileira. Cercando-se de arte negra. Utilizando objetos de estética africana – caso dos búzios ou figurinos de palha da costa que sempre estão em pauta no armário artístico da cantora. Comunicando em iorubá – língua que dá nome a várias músicas da artista. Cantando no compasso de um ponto de um orixá – caso da canção *Ogunté*. Comendo na Bahia o acarajé.



Cantora Majur. Foto: Divulgação.

Adorando e amando os orixás de seus ancestrais. Tudo isso cerca Majur, e a sua cultura, que também é nossa, nos cerca.

Ela nos ajuda a lembrar que a Música Popular Brasileira (MPB) não é só Elis Regina (que particularmente amo), Maria Rita, Nara Leão, Toquinho, Vinícius, Caetano Veloso, Bibi Ferreira, Núbia Lafayette, Lenine e outros/as tantos/as brancos/as. A MPB é, e precisa ser, preta! Uma maneira de enegrecer, como muito se diz, esse seguimento é trocando o típico violão pelos atabaques africanos, algo que se nota logo nos primeiros acordes da canção *Africaniei*, de Majur. Ela traz o terreiro para qualquer lugar como se cantasse pela força de mil ancestrais. Na Parada LGBTQIAP+ de São Paulo, ocorrida neste ano, de

maneira virtual em decorrência da pandemia de COVID-19, Majur foi essencial. E por quê? Porque a Parada estava cheia de representatividade branca: Maria Gadú, Gloria Groove, Lia Clarck, Pablo Vittar... todas maravilhosas, com um trabalho artístico fantástico, mas majoritariamente, em um país de maioria negra, brancas. E quando Majur chegou ao palco, ela veio vestida com palha da costa, cantando a canção *Agô*, que tem as seguintes frases: *Sou filha de Xangô/ Axé baba-ô/ No sangue o guerreiro/ Do Gantois/ Lati kori Agbara/Dos Orixás/Presente de Deus, anunciou/ Majur chegou*. É essa mulher preta que queremos na comunidade LGBTQIAP+. Que chega pelos desígnios dos orixás para mudar os desígnios dos homens.

Hoje compreendo o motivo de Majur ter ido a um programa de TV fazendo alusão ao exército militar com suas roupas, como abri este diálogo falando. Ela foi estudante do Colégio da Polícia Militar, onde cantava no coral para animar as cerimônias militares, na Bahia. Os militares devem muito às bichas pretas que fazem o babado dos cerimoniais até hoje acontecerem. Digo isso porque boa parte dos rapazes do quartel são pretos, e sabe-se lá Deus quantos estão no armário, que às vezes é de vidro, que era o caso de Majur. A cantora foi além, e conseguiu chegar, amadoramente, antes do sucesso, à final do Festival Anual de Canção Estudantil, evento este de proporção estadual e promovido pelo Ministério da Educação (MEC). Porém, antes de tudo isso, em uma entrevista dada à Vogue, Majur revelou que começou na música aos 5 anos de idade, quase que por intuição. Também partilho dessa ideia. A arte tem um lado divino que não se limita à cultura. Basta pensar em um poema, ele só vem. De onde vem a gente não sabe. Como vem também não sabemos, mas de repente ele se faz. E a gente acha que fomos nós quem o fizemos. É o caso de Majur, que quando encontra uma oportunidade se faz. O que me chama a atenção nessa história é o fato de que o MEC promoveu um evento escolar e a nossa artista entrou de cabeça. Acredito que esse seja um ponto muito importante para percebermos a força que há na educação, na disseminação e promoção de cultura.



Não queremos armas! Não queremos fuzis, como insiste em desejar para a nação brasileira o presidente Jair Bolsonaro. Queremos escolas com programas que sejam úteis à vida em comunidade; que sejam úteis e acolhedoras para com a cultura LGBTQIAP+; que sejam úteis e democráticas para que todos possamos aprender a ser cidadãos, não soldadinhos de chumbo em riste para golpear e solapar as bases constitucionais que regem o nosso país; que sejam as escolas celeiros de talentos, livres do punho ultraconservador de movimentos ditos “sem partido”, e que visam nos deixar é sem cérebro. As escolas não vão salvar o mundo, mas podem contribuir significativamente para atrasar o ponteiro do fim. Depois da

experiência dada à Majur na escola, ela nunca mais parou. Em 2016, por iniciativa própria, criou uma banda com outros músicos baianos para soltar a voz nos bares da Barra, em Salvador. O interessante é que nossas vozes nunca saem das nossas bocas sozinhas, elas são sempre vozes-acompanhadas. A de Majur seguia na companhia de Liniker, Jorge Ben, Tim Maia e outros/as tantos/as que serviam de norte. E como não poderia faltar, uma artista baiana legítima tem de subir em um trio elétrico, e Majur cumpriu com louvor mais essa etapa ao cantar, ao lado de Daniela Mercury, o tão amado Axé que levanta os foliões nas noites de carnaval. Majur é uma cantora-convite, dessas que nos convidam a se colorir, se enegrecer e, como pedido último, ela nos pede, na canção *Náufrago*, o seguinte: *Deixa eu colorir suas paredes brancas/ Desvendar as dobras do seu coração/ De papel, mel, veneno, mortífero, ingênuo/ Menina, você veio do céu.*



Leandro Rodrigues é graduado em Letras-Português (UFRRJ); é pós-graduando em Educação e Divulgação Científica (IFRJ); é mestrando em Educação (PPGEDUC-UFRRJ). É membro do Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (LEGESEX-UFRRJ); é professor da educação básica.